

UM SÓ TRANSCENDENTE COM VÁRIOS NOMES: TRABALHANDO CONTOS POPULARES NAS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO

Wesley Henrique Soares Silva (1)

(1) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- wesleyhsspibid@gmail.com

Orientadora: Dr^a Araceli Sobreira Benevides (2)

(2) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- aracelisobreira@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho aborda experiência realizada por ações do subprojeto PIBID Ciências da Religião/UERN *Letramento Literário no contexto do Ensino Religioso: Construção de práticas leitoras e material pedagógico para o Ensino Fundamental*, no ano de 2016. Com base no letramento literário e na compreensão de que o fenômeno religioso pode proporcionar um diálogo plural e multicultural, destacamos os vários nomes que o transcendente possui, tomando como base contos populares brasileiros trabalhados com o 3º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Bernardo Nascimento. Na discussão, apresentamos as posições responsivas dos estudantes e suas reflexões acerca de questões sobre os vários nomes do Transcendente e as reações em relação a termos como *diversidade religiosa*, *valores* e *criatividade* com que os autores dos contos situam os vários nomes elencados. Conclui-se que essa proposta atinge a dimensão interdisciplinar e dialoga com o modelo de Ensino Religioso Pluralista que tem, na Literatura, um forte aliado na construção de novas posições sobre o mundo.

Palavras-chave: Letramento Literário no Ensino Religioso. Contos Populares. Transcendente. PIBID

INTRODUÇÃO

Atualmente a educação é discutida como um assunto complexo por vários estudiosos nas universidades, pois cada vez mais sua estrutura tem sido resinificada ativamente nas últimas décadas. As transformações sociais, a globalização, as mudanças e progressos tecnológicos estão entre as principais causas das transformações desse setor. Por isso, a educação precisa adequar-se às demandas da sociedade na atualidade, a qual busca uma formação do indivíduo mais humanista.

Essas mudanças interferem no conceito de educação e nas metodologias a serem produzidas na sala de aula. O Ensino Religioso vem recebendo essas mudanças desde a década de 1990, depois da Lei nº 9.475/97 da LDBEN (BRASIL, 1997) e da criação do Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso – FONAPER, há vinte anos. Antes dessas mudanças o Ensino Religioso era proselitista e confessional, rígido em seus conteúdos e metodologias. Segundo Benevides (2013)

[...] bastava a alguém, no caso o/a professor/a, ser catequizador/a, possuir uma fé ou conhecer determinado texto sagrado, que envolvesse essa fé, para lecionar essa disciplina nas escolas. Muitas vezes, o conteúdo resumia-se apenas “no estudo da Bíblia” para a preparação de uma aula. (BENEVIDES, p.1, 201. [grifos da autora]).

Com isso, as outras tradições religiosas existentes no Brasil não tinham espaço e ficavam fora da discussão da sala de aula e a formação dos alunos, na disciplina, limitava-se a seguir os ensinamentos encontrados na Bíblia Sagrada (JUNQUEIRA, 2013), segundo a visão católica, principalmente.

Depois de sua fundação, o FONAPER buscou um Ensino Religioso Pluralista que dá espaço para qualquer manifestação religiosa ou não e vem promovendo novas abordagens de ensino, mobilizando conhecimentos junto com as Ciências da Religião, área das Ciências Humanas que forma o docente da disciplina de Ensino Religioso. Como atualmente, o professor precisa que ter a formação em Ciências da Religião, práticas pluralistas para a sala de aula (BENEVIDES, 2013) também se tornam uma necessidade. Contudo, vários professores começam a ter dificuldades de relacionar as Ciências da Religião nas aulas de Ensino Religioso e, quando procuravam materiais pedagógicos adequados a nova proposta da disciplina, encontram propostas pedagógicas defasadas ou que ainda mantém uma ideologia dogmática.

Para tentar ampliar o leque de material pedagógico adequado ao novo Ensino Religioso no Rio Grande do Norte, por conta da mudança de parâmetros de ensino para a disciplina (FONAPER, 2010), foi criado, em 2014, o subprojeto PIBID Ensino Religioso do Curso de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, intitulado *Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leitoras e material pedagógico para o Ensino Fundamental I e II*.

O subprojeto, desde a sua criação, começou a intervir na realidade escolar e no ambiente da formação docente, inserindo práticas de leitura literatura no contexto do Ensino Religioso, para uma abordagem metodológica mais dinâmica e atual nas aulas dessa disciplina (BENEVIDES, 2015).

Dessa forma, o tema desenvolvido, neste artigo, centra-se na proposta pedagógica com a leitura de alguns contos populares extraídos dos livros *Contos Folclóricos Brasileiros*, de Marco Haurélio, *Tem oba-oba no Baobá*, de Claudia Lins e *As 14 Pérolas da Índia*, de Ilan Brenman, com o objetivo de abordar a questão dos vários nomes que o *Transcendente* (ABBAGNANO, 2007) possui nas mais diversas tradições religiosas. Buscamos fazer os alunos do Ensino Fundamental de uma escola pública de Natal/RN conhecerem e refletirem sobre a diversidade religiosa do Brasil nas aulas de Ensino Religioso. (FONAPER, 2000).

Essa proposta foi vivenciada como ação pedagógica em uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Professor Bernardo Nascimento, em Natal – RN, no ano de 2016, como desenvolvimento das ações do PIBID Ensino Religioso/Ciências da Religião/UERN



– Campus de Natal.

A proposta

Existem muitos caminhos para alcançar um melhor ensino/aprendizagem que chame a atenção dos alunos sobre um texto literário. Utilizamos, neste caso, como base a proposta de Letramento Literário, de Rildo Cosson (2012). Esse autor propõe que o *letramento literário* é essencial, se queremos que os alunos/leitores sejam capazes de experimentar todo o poder humanizador da literatura e não só aprender simplesmente codificar o que está escrito (COSSON, 2012). Segundo ele, para a seleção de textos deve-se levar em conta o cânone literário¹, obras atuais² e a Pluralidade e diversidade de autores, obras e gêneros literários, isto “[...] só se torna válido, quando se vai para além da simples diferença entre os textos, quando desafiados por leituras mais complexas, que nos leva do conhecido para o desconhecido. (COSSON, 2012, p.35).

Desse modo, nossa ação pedagógica baseia-se na leitura de vários contos populares os quais dialogam com os conteúdos de Ensino Religioso que envolvem a temática da diversidade religiosa do Brasil. Contudo, antes de iniciarmos, as ações pedagógicas, situamos o leitor sobre a relevância de se trabalhar a diversidade em sala de aula e trazer os conceitos de *Contos* e *Transcendente* para uma melhor reflexão do trabalho apresentado aqui.

A diversidade está em nós

É importante incluir a questão acerca da Diversidade na agenda de discussões/reflexões na sala de aula. Primeiro, porque permite aos alunos compreenderem as suas raízes sócio-históricas, principalmente no que tange ao processo de mistura (mestiçagem) que está presente na cultura brasileira. Independentemente da raça, nós estamos unidos, se não pelo sangue, por laços religiosos ou étnicos, que por sua vez, produzem nos estudantes uma compreensão da riqueza cultural da nação.

¹ Segundo o dicionário Aurélio, o termo cânone diz a respeito a uma regra, modelo ou norma representada por uma obra ou artista. Ou seja, o cânone literário é um padrão de livros a serem lidos.

² Segundo Cosson (2012,) existe uma diferença entre *obras atuais* e *contemporâneas*: “Obras contemporâneas são aquelas escritas e publicadas em meu tempo e obras atuais são que tem significado para mim em meu tempo, independente da época da escrita. [...] O Letramento literário trabalhará sempre com a atual, [...]” (COSSON, 2012. p.34).



A questão é ainda mais importante porque a etnia, a religião, a cultura e a situação financeira são agora aceitos como uma razão ou uma desculpa para agir com preconceito e violência contra outros indivíduos ou grupos sociais. Além disso, o fato de que “[...] a construção de valores e crenças, o que amplia a compreensão da natureza sócio-política da educação”. (BENEVIDES, 2013, p.103-104). Assim, é importante mobilizar modificações em relação a esses preconceitos na escola.

Gomes (2003) acredita que a diversidade vai além do reconhecimento do outro. Isto significa, acima de tudo, pensar a relação entre o eu e o outro, porque a diversidade, em todas as suas manifestações é uma condição inerente ao ser humano: somos seres sociais, história e cultura, muito diferentes. Segundo a autora, isso não significa negar as semelhanças. No entanto, a existência de diferentes grupos de pessoas comuns não pode conduzir a uma interpretação da experiência humana como algo coisa imutável. “Cada construção cultural e social possui uma dinâmica própria, escolhas diferentes e múltiplos caminhos a serem trilhados” (GOMES, 2003, p. 72-74).

Quem conta um conto...

O conto é um gênero conciso produzido em ambientes diversificados que cria um universo de seres e acontecimentos fictícios e por envolver as mais variadas temáticas retrata a vida através de narrativas. Nesse sentido, Bosi (1975, p.31) argumenta que o conto funciona como uma espécie de “[...] poliedro capaz de refletir as situações mais diversas de nossa vida real ou imaginária [...]”, e por ter uma única narrativa, ao ser mais curto que a novela e o romance, é capaz de expressar de forma breve o conflito que o envolve.

Segundo Leal (1985), “O conto popular é uma expressão que pertence a este contexto de sonho e fantasia, de magia e de mistério; ele é parte da fala do povo, um canto harmonioso dirigido ao mistério das coisas (LEAL, 1895, p. 12)

Em seu texto Guesse; Volobuef (2007) também destacam que o conto popular, como gênero, apresenta quatro características fundamentais:

- **Antiguidade:** [...] O conteúdo de um conto, contado numa determinada época em um determinado lugar, pode ter sofrido transformações ao longo do tempo, porém sua essência é a mesma de um conto remoto, contado em época e lugar completamente diferentes [...].



- Anonimato de autoria: os contos populares têm como característica o autor anônimo; não se sabe quem foi o “criador” da história, portanto, ela é considerada criação do povo e, então, anônima. Muitos foram os coletores de contos populares ao longo da história [...]
- Capacidade de persistir no tempo: [...] os contos populares seriam codificados numa linguagem simbólica e universal capaz de ser compreendida por homens de todas as épocas e lugares. Isso explicaria sua capacidade de persistir no tempo.
- Modo de transmissão: os contos populares são transmitidos oralmente, contados ou cantados; os contos são transmitidos de pais para filhos, ao longo das gerações. Vale novamente salientar que oralidade não quer dizer simplicidade ou rusticidade; os contos respeitam rituais de transmissão e possuem complexidade, arte e capacidade de seduzir seus ouvintes. (GUESSE; VOLOBUEF, 2007, p. 12-14. grifos das autoras).

As autoras informam que os contos populares possuem um papel importante na valorização da cultura de vários povos e, com isso, também em várias religiões, já que os contos populares trazem elementos fundamentais como a época, personagens conhecidos do povo, lições de moral, entre outros elementos.

Nessa linha de pensamento, concordamos com a posição de Benevides (2011), em relação à questão de levar a contos religiosos para o ambiente da sala de aula, pelo fato deles serem um tipo de narrativa sagrada. Para a autora, ao realizar a leitura desses textos

[...] que abordem a temática do Transcendente e das questões religiosas, o/a professor/a possibilita momentos de leitura para a compreensão do Outro (alteridade) e abre espaços para a pluralidade, para o discurso entendido como acontecimentos da vida. (BENEVIDES, 2011 p.145)

Com isso, fica mais fácil para o aluno compreender o outro, em sua diversidade, por meio dos contos que a literatura aborda em múltiplas narrativas. Nesse sentido, também Benevides (2011) destaca a importância de trabalhar nas aulas a *pluralidade de discursos*, pois,

O objetivo é trazer para o ambiente dessa formação textos literários que abordem a temática do Transcendente e do fenômeno religioso, com a finalidade de se criar momentos de leitura para a compreensão do Outro (alteridade), espaços para a



pluralidade, ou seja, para as diferentes formas como os discursos religiosos [...]. (BENEVIDES, 2011, p.134).

E, nesse ponto, surge nossa proposta para o Ensino Religioso: trabalhar com contos, porque isso expande e alarga horizontes, motiva o educando para o respeito com as diferentes religiões. Se cada um é formado com a sua crença respeitada, este acaba respeitando a do outro.

Dessa forma, foram escolhidos os contos *O macaco que pediu Sabedoria a Deus*, de Marco Haurélio (2010), *A Flor Mágica do Baobá*, de Cláudia Lins (2016) e *O caminho da Felicidade*, de Ilan Brenman (2008) para serem lidos em sala de aula, pois cada um apresenta um Transcendente diferente como personagem. Além disso, em cada narrativa há um ensinamento que pode auxiliar a compreensão dos alunos na valorização do bem.

No primeiro conto, aparece Deus, o Ser Supremo do Cristianismo. No segundo conto, Olorum o Ser criador do mundo, segundo o Candomblé. E, no terceiro, Brahma, o Deus criador do universo, segundo o Hinduísmo como protagonistas das narrativas.

Um olhar sobre o *Transcendente*

Nessa parte deste texto, abordamos rapidamente o conceito de Transcendente para um melhor esclarecimento em relação ao assunto do qual estamos tratando.

Segundo Abbagnano (2007) um dos conceitos de *Transcendente* tem relação com um

[...] estado ou condição princípio divino, do ser além de tudo, de toda experiência humana (enquanto experiência de coisas) ou do próprio ser; [...] esse termo vincula-se à concepção neoplatônica de divindade. [...] Plotino repete que o I Ino está "além da substância". Mas acrescenta que ele também está "além do ser" [...] e "além da mente" [...] de tal modo que é transcendente em relação a todas as coisas, mesmo produzindo-as e conservando-as no ser. (ABBAGNANO, 2007, p.981).

Para o autor, *Transcendente* tem a ver com o estado e condição que envolve o divino/sagrado/sobrenatural³ ou coisas que não estar fora do alcance dos seres humanos, que buscam em suas religiões o contato com essas forças superiores e supremas para a resolução destes problemas. Outro ponto a se destacar aqui é que podemos englobar no conceito de Abbagnano o conceito de Transcendente nas mais diversas tradições religiosas, pois cada uma dá um nome diferente a essa força superior, os cristãos o chamam de Deus, de Espírito Santo, de Jesus; os

³ Não iremos aprofundar mais sobre a temática, pois foge ao foco deste artigo.

Budistas, de Buda; os Hindus dão outras centenas de nomes, mas o mais conhecido é Brahma; os Candomblecistas o chamam de Orixás, entre outros nomes.

Por isso que o título deste trabalho destaca “um só Transcendente com Vários Nomes”, porque as forças divinas/sagradas/sobrenaturais nas tradições religiosas podem sofrer mudanças em variadas culturas, muito embora estejam relacionadas ao mesmo sentido.

Trabalhando a diversidade – relatos das experiências do PIBID Ensino Religioso na sala de aula

Foi realizada na turma do terceiro ano uma sequência didática, iniciada, primeiramente com a contação de histórias, seguida da leitura, pois foi observado que mais da metade da turma tinha dificuldade em ler, alguns ainda estavam na fase inicial da alfabetização. Trabalhamos as reflexões encontradas em três contos populares que possuem o Transcendente como personagem. Esse projeto durou de Julho a Agosto de 2016, para construção, no final do período, de um quebra-cabeça temático feito pelos alunos.

Começamos o Bimestre, observando o conhecimento prévio dos alunos sobre o Transcendente, vários alunos lembraram a imagem de Deus e de Jesus, pois o professor supervisor da disciplina tinha começado esse assunto em momentos anteriores. Logo após, apresentamos aos estudantes alguns nomes que o Transcendente tem, como por exemplo, *Deus, Javé, Olorum, Brahma, Buda, Tupã e Alá*. Em seguida, pedimos para eles desenharem em uma folha em branco como viam o Transcendente da religião da qual faziam parte.

No segundo momento, os alunos foram apresentados ao conceito de conto, segundo Leal (1985) e, Cascudo (2002) e a leitura em voz alta do conto *O macaco que pediu Sabedoria a Deus*, de Marco Haurélio (2010). Para completar a ação pedagógica, realizamos uma reflexão com os alunos sobre Honestidade e Esperteza e eles perceberam como o personagem central da narrativa, um macaco, foi esperto, porém, prejudicou outros animais.

Na terceira aula, foi recontado o conto *O macaco que pediu Sabedoria a Deus*, mas utilizamos um recurso de não nos referir a todos elementos da narrativa, para que os alunos lembrassem do conto. Logo após, foi perguntado aos alunos a que religião pertencia aquele Transcendente, que na narrativa de Haurélio, seria indicado como Deus, o Ser Supremo do Cristianismo. Depois, explicamos como é a relação dos cristãos diante do Transcendente. Em seguida, foi entregue para cada aluno uma folha dobrada com 8 quadrados dentro e foi pedido para



que os alunos contassem do seu modo a narrativa do conto. Alguns alunos aproveitaram a oportunidade para criar a sua versão do conto, mostrando o macaco indo a uma Igreja para pedir Sabedoria a Deus, outros desenharam Deus como um velho barbudo, como uma nuvem, entre outras versões criadas pelos alunos. No final da aula, alguns estudantes mostraram as suas versões da narrativa e observamos como gostaram da utilização de contos na sala de aula, pois depois da aula, no corredor da escola, fomos abordados por sete alunos da turma pedindo mais histórias como aquelas ouvidas na aula de Ensino Religioso.

Na quarta aula, foi retomado o conceito do que é o *Transcendente* (ABBAGNANO, 2007) e logo em seguida, tratamos sobre a cultura e a religiosidade Africana e como surgiu o mundo, segundo o Candomblé. *Olorum* e seus filhos foram apresentados à classe como seres transcendentos que encontramos nessa religião. Depois foi realizada a leitura do texto em voz alta do conto *A Flor Mágica do Baobá*, do livro *Tem Oba-Oba no Baobá*, de Cláudia Lins (2016). A seguir, foi realizada com os alunos a reflexão sobre a importância das amizades e da preservação da natureza. Quase no final da aula, cada aluno recebeu uma folha que continha alguns personagens da narrativa para um trabalho de pintura lápis de cor e giz de cera.

Na quinta aula, foi lembrado rapidamente o conto *A Flor Mágica do Baobá*, de Cláudia Lins (2016) pela contação da história. Depois, foi abordado como a cultura africana influenciou e influencia a nossa sociedade a partir das músicas, comidas, costumes, vestimentas e religião. Foi ouvido o que os alunos sabiam sobre a árvore do Baobá e de sua importância para o Candomblé e sua relação com Olorum.

Depois, cada aluno recebeu uma folha colorida e foi pedido para que cada um fizesse (com a ajuda de um colega) o contorno da própria mão. Depois recortaram e colaram em um Baobá desenhado pelos bolsistas em uma cartolina grande. Assim, todos os alunos colaram suas mãos no Baobá. Também foi solicitado que observassem a diversidade de cores e formas das mãos que existem na sala de aula. Por fim, foi realizada uma reflexão acerca da valorização da diversidade em vários aspectos, sejam eles étnicos, de altura, de formas de se vestir e religiosa.

A sexta aula começou com o professor perguntando acerca do que os alunos conheciam do Hinduísmo. Logo em seguida, o professor falou rapidamente sobre a Índia e sobre o Hinduísmo. Em continuidade foi lido o conto *O caminho da Felicidade*, do livro *14 pérolas da Índia*, de Ilan Brenman (2008). Essa narrativa conta a história de como Brahma escondeu a felicidade que muitos procuram. Também foi realizada uma reflexão sobre onde devemos procurar a felicidade e como podemos mantê-la por mais tempo. Em seguida, foi pedido para que os alunos desenhassem em



seus cadernos a figura de Brahma para melhor mobilizar esse personagem da história.

A sétima aula começou com uma pequena revisão sobre os diversos nomes do Transcendente nos contos *O Macaco que pediu Sabedoria a Deus* (Javé/Deus), *A Flor Mágica de Baobá* (Olorum) e *O caminho da Felicidade* (Brahma). A seguir, foi entregue para cada aluno um caça-palavras com a temática do Bimestre. Os bolsistas do PIBID ficaram ajudando aqueles alunos que estavam com dificuldades na atividade, principalmente para colorir o desenho. Os alunos que iam terminando colaram a atividade no caderno. Depois que todos os alunos terminaram, foi mostrado um quebra-cabeça feito por um dos bolsistas para os alunos. Foi perguntado se conheciam algum quebra-cabeça, em seguida, foi dito que seria a vez dos alunos produzirem um quebra-cabeça na próxima aula com a temática do Bimestre.

Na oitava aula foi retomado rapidamente o assunto da última aula. Depois perguntamos se os alunos sabiam o que era um quebra-cabeça. Formamos 6 grupos de 3 alunos para a realização da atividade. Depois, entregamos para cada grupo um desenho diferente de um Transcendente de 6 tradições religiosas (Javé, do Judaísmo; Jesus do Cristianismo; Brahma, do Hinduísmo; Buda, do Budismo; Olorum, do Candomblé e Tupã, das religiões indígenas) e entregamos aos alunos lápis de cor, giz de cera, retalhos de revistas para decorar da melhor forma que o grupo gostasse. Depois de decorados, os alunos receberam um pedaço de papelão e colaram a figura pintada. Em seguida, com a ajuda dos bolsistas colocaram Papel Contact nos desenhos e recortaram nos locais indicados. No final, os alunos mostraram aos demais colegas os quebra-cabeças do grupo.

Na última aula foi realizado uma brincadeira, todos os alunos ficaram sentados em uma grande roda e cada aluno pegou uma peça dos quebra-cabeças produzidos na aula anterior e só poderiam colar na lousa a sua parte caso soubesse algo do Transcendente que seu grupo pintou. Ganhou o grupo que respondeu rapidamente sem errar as perguntas. Depois foram feitas algumas perguntas aos alunos: “*Qual conto que você mais gostou?; O que você aprendeu com este conto?; Qual é o Transcendente da sua religião?; Quais outros nomes o transcendente tem?*”. Aos poucos alguns alunos foram respondendo às perguntas e a participação refletiu sobre o que tinham aprendido nas últimas aulas.

Destacaremos aqui dois comentários que nos chamaram atenção no momento das aulas. O primeiro foi de uma aluna que disse “*gostei muito de Olorum, porque ele respeita a natureza, não sabia que o deus deles [Olorum] era tão legal.*”⁴. Com este comentário, podemos perceber como a

⁴ Anotação feita pelo autor do artigo no momento da aula.



aluna compreendeu o Transcendente supremo do Candomblé e o ensinamento de preservação que o conto tinha, alargando sua visão de mundo sobre o Outro, nesse caso, sobre o Candomblé.

O segundo comentário veio de um aluno que nas primeiras aulas achava estranho a imagem do deus Brahma, pois segundo ele “*parece um demônio, um amigo do capeta*”⁵. Mas quando respondeu ao que ele tinha mais gostado, respondeu “*gostei da história de Brahma, deve ser legal ter um deus assim*”⁶. Esse comentário nos fez ver nitidamente que alcançamos um dos objetivos do projeto que era a valorização da diversidade religiosa a partir dos contos populares e perceber uma mudança no discurso do aluno em termos de um posicionamento mais aberto e menos preconceituoso.

Os alunos foram avaliados por uma participação em classe de forma individual e coletiva, uma vez que a avaliação processual permite demonstrar que os conteúdos estão relacionados uns aos outros constantemente. Na troca de informações, experiências e reflexões, houve novas oportunidades de aprendizagem, que, por sua vez, estão relacionadas com novas perspectivas, criando processo de desenvolvimento contínuo. Os alunos refletiram e foram capazes de compartilhar suas descobertas ou preocupações com os colegas, o professor da disciplina e conosco, bolsistas do PIBID, criando um ciclo de aprendizagem que quebrou o paradigma da mera *entrega de informações*. Como consequência, essa ação pedagógica indica que os estudantes conseguiram, no final do ciclo de aprendizagem, perceber as diferenças e as semelhanças entre as culturas e, perceber a religião do outro com mais respeito e levar essas ideias para o restante de suas vidas.

Tivemos o cuidado de mostrar as mais diversas religiões e de não interferir no entendimento em relação as outras. Ficou claro que esse olhar é fruto de uma construção nossa como estudantes de Ciências da Religião, portanto, temos meios para fazer a relação entre uma tradição religiosa e outra, orientando didaticamente para a percepção/apreensão da terminologia que envolve o mundo das religiões.

Considerações finais

Depois de uma análise abrangente do tema, podemos dizer que é preciso transformar as aulas em um lugar para o diálogo inter-religioso. É importante ressaltar que não precisa de uma formação específica para poder trabalhar a leitura de contos na sala de aula de forma dinâmica, dialogada no sentido de orientar para a compreensão ativa e participativa por parte dos estudantes

⁵ Comentário feito por um aluno e anotado pelos bolsistas em uma aula

⁶ Anotação feita pelo autor do artigo no momento da aula

do Ensino Fundamental. Portanto, a responsabilidade do professor de Ensino Religioso é proporcionar igualdade de oportunidades de diálogo na educação para todos os alunos, independentemente do seu contexto social, econômico, religioso, cultural ou entre outros.

Por fim, podemos dizer que os objetivos iniciais foram atingidos, graças à ampla orientação teórica da coordenação do subprojeto e da experiência em sala de aula que o PIBID pôde proporcionar em nossa vivência acadêmica. Este trabalho teve como objetivo mostrar aos alunos a diversidade cultural/religiosa a partir do Transcendente de várias tradições religiosas, nosso anseio é que todos também levem essa aprendizagem para fora dos muros da escola.

Estamos conscientes de que o trabalho das aulas do Ensino Religioso foi desenvolver atividades mais humanizadas com a voz dos alunos para uma melhor interação, além do reconhecimento de que os estudantes estão sentados nas cadeiras na sala de aula são diferentes e, por conta disso, devem ser respeitadas. A leitura literária fez mais do que ser um momento de aula, mas um momento de interação e de compreensão das diferenças do Outro e de sua cultura e religiosidade

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 981-987.

BENEVIDES, Araceli Sobreira. O espaço das múltiplas leituras na preparação de professores de ensino religioso - o mundo dos mitos, contos e poesia. **Leitura**, v. 02, p. 73-98, 2011.

_____. **O letramento em aulas de Ensino Religioso: O diálogo dos mitos com os textos literários**. 2013. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Araceli Sobreira Benevides \(UERN\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Araceli_Sobreira_Benevides(UERN).pdf)>. Acesso em: 20 out. 2016.

_____. **PIBID em Ciências da Religião: Novos Tempos e Espaços para a Formação de Docentes para o Ensino Religioso**. 2015. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/5anptecre?dd99=pdf&dd1=15370>. Acesso em: 09 nov. 2016.

BOSI, A. (Org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: São Paulo: Cultrix/ EDUSP, 1975, p. 7-22.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Consenso, 2012.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO – FONAPER. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso**. 2ª Edição, São Paulo: Mundo Mirim, 2010.



_____. Caderno temático n.º 1 – Ensino Religioso. **Referencial curricular para a proposta pedagógica da escola**, 2000.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Diversidade étnico cultural. In: RAMOS, ADÃO, BARROS (Coord.). **Diversidade na Educação: reflexões e experiências**. Brasília: SETEC/MEC, 2003. p. 72-76.

GUESSE, É. B. ; VOLOBUEF, K. . O conto popular: características, especificidades, sua relação com o mito e um exemplo indígena. **Travessias** (UNIOESTE. Online), p. 01 - 17, 2007.

HAURÉLIO, Marco. Contos Folclóricos Brasileiros, in _____. **O macaco que pediu sabedoria a Deus**, São Paulo:Paulus,2010.p.18-19.

JUNQUEIRA, S.R.A. Ciência da Religião aplicada ao ensino religioso. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013. p.603-614.

LEAL, J. C. **A natureza do conto popular**. Rio de Janeiro: Conquista, 1985.

LINS, Cláudia. Tem Oba-Obá no Baobá, In _____. **A flor mágica do Baobá**, São Paulo: Paulinas, 2016.p.07-13.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. Ciência da Religião, Ensino Religioso e Formação Docente. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, jul. 2009, p.1-18.